

Neologismos lacanianos: classificação e equivalência

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

patricia.ramos@ufrgs.br

Resumo. *Este trabalho tem o objetivo de apresentar a análise e a classificação de 298 neologismos lacanianos – recolhidos de um corpus formado pelos vinte e cinco Seminários de Jacques Lacan –, empreendidas em nossa tese de doutoramento, e compartilhar os primeiros resultados da busca de equivalentes. Considerando que os neologismos criados por Lacan ainda não receberam um tratamento sistematizado por parte da comunidade lingüística ou psicanalítica brasileira, analisamos sua constituição em francês e propusemos uma nova classificação para essas inovações lexicais, a fim de lhes oferecer princípios de equivalência, a que denominamos neologia tradutória lacianiana. Classificamos os neologismos lacanianos de acordo com critérios formais e funcionais. Buscamos fundamento nos estudos de neologia, de tradução, de neologia tradutória e em reflexões sobre a construção do discurso psicanalítico lacianiano. A imbricação entre tradução, terminologia e lexicografia permitiu o estabelecimento de uma proposta de três princípios de neologia tradutória, ora aplicada. O resultado da aplicação desses princípios é submetido à validação por psicanalistas de orientação lacianiana, franceses e brasileiros. Pretendemos propor um glossário bilíngüe francês-português de neologismos lacanianos.*

Palavras-chave: neologismo; psicanálise lacianiana; equivalentes

Abstract. *In this paper we describe the analysis and classification of 298 Lacanian neologisms. They were collected as part of our doctoral study from a corpus composed of the 25 Seminars of Jacques Lacan. We also intend to share the first outcomes of our search for translation equivalents for such neologisms. Considering that such words were not given any further systematic treatment by the Brazilian linguistic or psychoanalytic communities, we analyzed how they were composed in French and proposed a new classification for them. Our goal was to provide principles of equivalence for such words, which we referred to as Lacanian translation neologisms. Such items were then classified following formal criteria and functional criteria. Our study is based on studies about neologisms, translation, translation neologisms and on reflections about how the Lacanian discourse is built. The overlap between translation, terminology and lexicography made possible to define three principles for the translation of Lacanian neologisms, which we applied to the neologisms collected. After the application of such principles, the results are validated by Lacanian psychoanalysis experts, both French and Brazilian. Our final goal is to propose a French-Portuguese bilingual dictionary with the translation of Lacan's neologisms.*

Key-words: neologism; Lacanian psychoanalysis; equivalents

1. Introdução

Jacques Lacan é considerado, hoje, o maior intérprete da doutrina freudiana, pois promoveu um retorno aos textos de Freud; reinterpretou quase todos seus conceitos e grandes casos, acrescentando ao *corpus* psicanalítico seu próprio aparato conceitual. Seu ensino deu origem a uma nova corrente de pensamento, o lacanismo, na filiação direta do freudismo.

De 1951 a 1980, Lacan ministrou vinte e cinco seminários orais, ao longo dos quais fez escola. Esses seminários foram retranscritos por seus ouvintes e originaram diversas versões; algumas delas receberam o aval de Lacan e foram publicadas pela editora Seuil, na França, e pela editora Jorge Zahar, no Brasil¹. Devido a essa trajetória ímpar, os seminários apresentam certas peculiaridades – sobretudo uma linguagem complexa, que mimetiza a linguagem do inconsciente, e uma criação neológica abundante. Embora tornem difícil sua apreensão, não se questionem seu rigor científico e aparato conceitual.

2. Neologia lacaniana

A Psicanálise constitui-se a partir da pressuposição da existência do inconsciente, cuja condição é a linguagem. É porque o ser humano é um ser falante que pode haver um pensamento inconsciente, e é a estrutura de linguagem que permite dar conta da organização desse inconsciente, que se diz “principalmente no nível do ‘duplo sentido’ das palavras, ou melhor, no nível da polissemia dos significantes” (CHEMAMA, 1998, p. 225).

Assim, o método psicanalítico interessa-se pelas formações do inconsciente – irrupções involuntárias no discurso, de acordo com processos lógicos e internos à linguagem, que permitem demarcar o desejo –, onde conflitos latentes se encontram representados. Esses conflitos são regulados pelo lapso, esquecimento, ato falho, chiste e sonho. Por essa razão, a psicanálise dedica atenção especial ao papel da palavra, reexaminando a linguagem e seus elementos formais constitutivos, os significantes.

Ao propor uma releitura do texto freudiano, Lacan vai sistematizar essa problemática à luz da lingüística saussuriana, de onde extrairá o conceito de significante, e das formulações antropológicas de Lévi-Strauss, a partir da noção de estrutura.

¹ Foram publicados no Brasil 10 *Seminários*: LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 3: As psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 4: A relação de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 8: A transferência (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992; LACAN, Jacques. *O Seminário*: livro 20: Mais, ainda / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Será precisamente a importância que Lacan atribuirá ao significante que o fará recorrer, a todo momento, aos processos de criação lexical de sua língua para sustentar o novo aparato teórico. Embora a maioria dos neologismos criados se limite a uma única ocorrência, sua profusão e inventividade deixam uma marca indelével no discurso psicanalítico.

Lacan vai desfazer a unidade do signo saussuriano, suprimindo a elipse e invertendo a posição do significante e do significado. Ao modificar o conceito de significante, Lacan acentua assim sua autonomia. O significante, no sentido psicanalítico, é separado do referente mas definível além de qualquer articulação com o significado. O que o algoritmo lacaniano permite escrever é a existência de uma barra que afeta o sujeito humano devido à existência da linguagem e que faz com que, falando, ele não saiba o que diz. A própria possibilidade do inconsciente é condicionada pelo fato de que um significante pode insistir no discurso de um sujeito sem estar associado à significação. Também o sintoma diz algo de uma maneira indireta e pode ser considerado o significante de um significado incessível para o sujeito (CHEMAMA, 1998, p. 396-397).

Sendo concebido como autônomo em relação à significação, o significante pode assumir uma função diferente daquela de significar: pode representar o sujeito e determiná-lo. Assim, segundo Lacan, “um significante é o que representa o sujeito para um outro significante”.

Essa prevalência dada ao significante, aliada a todas as demais características do texto lacaniano – o estilo “gongórico”, a extrema “manipulação sintática”, a concomitância de variados registros de língua, as incontáveis referências enciclopédicas, o empréstimo de conceitos de distintas áreas, as frases inconclusas, as inflexões, a pontuação instável, posto que sujeita à interpretação de seus ouvintes, o “delírio do significante”, a abundância neológica –, acarreta grandes dificuldades para o “estabelecimento” do texto na língua francesa, haja vista a variedade de versões dos *Seminários* e a inexistência, até nossos dias, de consenso em relação a inúmeros conceitos e termos, além de levantar problemas de tradução.

3. Classificação dos neologismos

Para analisar os neologismos encontrados nos *Seminários*², retomamos as propostas dos principais estudiosos da área (GUILBERT, 1975; BOULANGER, 1979; ALVES, 1994, 1999, 2001, 2006), que se debruçaram sobre *corpora* de língua geral e de línguas de especialidades e propuseram uma classificação formal para esses itens lexicais. Para os casos não previstos na literatura, propusemos novas categorias.

A par dessa classificação formal, propusemos igualmente uma tipologia funcional. Importa salientar que entendemos a função não como submissa a determinados padrões, mas como forma de criação com determinadas características.

3.1 Classificação formal

² Vale ressaltar que a fecundidade neológica de Lacan não se restringe aos *Seminários*, mas perpassa toda sua produção.

Esta classificação recupera os processos de criação lexical mais produtivos dos *Seminários*: derivação, palavras-valise, composição, criação por associação, empréstimo, decalque, neologia semântica e lexicalização de nome próprio. Vejamos a classificação, acompanhada de exemplos.

A derivação é o processo de criação que recorre ao acréscimo de um prefixo ou de um afixo – ou ambos simultaneamente – a uma base pertencente ao sistema morfológico da língua ou a sistemas estrangeiros antigos ou atuais. Sobre o processo de derivação sufixal, a maioria dos autores afirma não haver mudança de categoria gramatical, mas variação de sentido. O substantivo neológico *psychiatrierie* exemplifica tal afirmação: é formado pelo também substantivo *psychiatrie* acrescido do sufixo *-erie*, indicativo de atividade ou de depreciação. Na derivação prefixal, o acréscimo de um prefixo provoca uma mudança de sentido, mas não de categoria gramatical, como em *illecture*, formado pelo prefixo de negação *il-* adicionado ao substantivo *lecture*, indicando a ausência de leitura. A derivação parassintética, em que ocorre a adição simultânea do sufixo e do prefixo à base, é bastante rara em Lacan e pode ser ilustrada pelo substantivo *délibidination*, formado pelo prefixo de negação *dé-* e pelo sufixo *-ation*, que indica resultado de uma ação, ambos acrescidos concomitantemente ao adjetivo *libidinal*.

Quanto ao processo de composição, trata-se de duas ou várias bases, oriundas da reunião de termos individuais preexistentes ou também novos na língua, cuja união constitui uma nova seqüência lexical. A união desses termos funciona como uma unidade simples, expressando uma única realidade, uma única noção (BOULANGER, 1979, p. 68). Pode-se apresentar sob a forma de palavras compostas – *inter-dit* –, sob a forma de sintagmas, como em *sujet supposé savoir*, ou de várias palavras constituindo uma única, caso de *passibête*, formada pela negação *pas*, pelo advérbio *si* e pelo adjetivo *bête*, dando origem a um adjetivo.

As criações por associação são palavras provenientes de combinações inéditas na língua, no que se aproximam das criações *ex-nihilo*, também chamadas de neologismos fonológicos (ALVES, 1994), palavras oriundas de novas combinações, jamais encontradas anteriormente, de sons ou de letras. Porém, diferentemente destas, desmotivadas no plano morfossemântico e neutralizadas nos planos gráfico e fonético nas principais línguas do mundo ocidental, a exemplo das marcas registradas *Kodak* e *Lycra* (BOULANGER, 1979, p. 82), as criações lacanianas por associação partem de locuções ou frases já existentes na língua e formam uma nova palavra, homófona à estrutura de partida. Em outras palavras, há uma associação entre a estrutura original e o novo item lexical, o que impede considerá-las “novidades formais *absolutas*” (BOULANGER, 1979, p. 82). Vejamos o verbo *gniakavoir*: Origina-se na frase *il n’y a qu’avoir*, reduzida para *ny a quavoir* e transformada numa única palavra, um verbo, *gniaka*, passível de flexão – *il gniakavait* – aqui conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo.

A adoção de uma palavra pertencente a uma língua estrangeira ou ao acervo da própria língua constitui o empréstimo que, em Lacan, será interno ou externo. Será interno aquele que se origina no acervo da própria língua, recorrendo a uma palavra arcaica, a variedades regionais ou dialetais, a gírias ou a línguas de especialidade. O termo *sinthome*, cuja origem é explicitada pelo próprio Lacan, ilustra bem este tipo de empréstimo. É considerado externo quando se recorre a uma língua estrangeira viva ou

morta. A palavra inglesa *split* [lasca, pedaço] que recebe de Lacan um sufixo verbal em francês exemplifica esse tipo de empréstimo. Observe-se, entretanto, que Lacan não só toma a palavra estrangeira, mas também acrescenta uma marca da língua francesa, seja através de uma mudança ortográfica, seja através de um processo de derivação.

O decalque é a tradução literal, por meio de um ou de vários significantes, do significado de uma palavra estrangeira. Pode ser lexical ou fonológico. O decalque lexical define-se como a tradução literal, por meio de um ou vários significantes, do significado de uma palavra de outro sistema lingüístico, como ocorre em *quintéité*, tradução literal da palavra alemã *Fünfhheit*. Já o decalque fonológico produz uma “tradução” calcada no som da palavra original ao invés de sua tradução literal, como em *couinée*, que se origina na palavra grega *koinè*.

Na neologia semântica, um significante existente na língua recebe um novo significado: um termo da língua geral passa para uma língua de especialidade e vice-versa; um termo passa de uma língua de especialidade para outra; um termo pode tornar-se polissêmico em seu próprio campo de aplicação; um termo passa de uma categoria gramatical a outra (BOULANGER, 1979, p. 89-94). Em nosso *corpus*, encontramos apenas dois neologismos semânticos: *secondé* e *panser*.

Por fim, temos a lexicalização de nome próprio, processo que toma um nome próprio e o transforma em nome comum, como a palavra *flacelière*, oriunda de R. Flacelière.

3.2 Classificação funcional

A classificação funcional visa a estabelecer o que norteou a criação neológica, configurando sua função predominante, mas não exclusiva, haja vista que as funções podem se sobrepor. Encontramos seis funções: denominativa, estilística, analógica, de adequação, de terminologização, de destermnologização.

Inspirando-nos nas funções propostas por Basílio (2004) e por Mendes (1991 apud BASTIANETTO, 1998), propusemos uma tipologia funcional, que busca estabelecer a função predominante de cada um dos processos neológicos em Lacan: função denominativa, estilística, de adequação, analógica, de terminologização e de destermnologização. Salientamos, todavia, que as funções podem se sobrepor em alguns casos e que as funções denominativa e estilística perpassam todas as demais funções.

A função denominativa responde à necessidade de preenchimento de uma lacuna vocabular: não existe na língua um significante para determinado conceito. É a denominação por excelência. A palavra *mâlité* foi criada porque não havia na língua francesa, até aquele momento, no entender de Lacan, nada que expressasse a qualidade de *mâle*.

Na função estilística, a necessidade de criação é sobretudo estética, levada pela intenção de se demarcar do discurso científico psicanalítico usual. Pode ser ilustrada pela maioria das palavras-valise, como *dieu-lire*, cruzamento de *dieu* e *délire*. No entanto, acreditamos que essa função estilística não pode ser desvinculada de uma necessidade conceitual, pois a nova palavra nasce quase espontaneamente da necessidade de denominar algo novo.

A função de adequação preenche uma necessidade pontual de adequar uma palavra existente ao contexto discursivo e sintático: são os casos de nominalização, verbalização, adjetivação, etc., de palavras correntes da língua francesa. Embora exista o verbo *plier*, por exemplo, o contexto sintático requer um substantivo, criado com os recursos do processo de derivação oferecidos pela língua: *pliation*.

Entendemos analogia como o processo em que um modelo preexistente interfere na criação de uma nova palavra, ou seja, na função analógica, a criação calca-se em uma palavra existente. Por exemplo, o neologismo *mathème*, símbolo matemático, é criado a partir da analogia com *phonème* e *mythème*.

Na função de terminologização, atribui-se um cunho terminológico a uma palavra da língua geral. Por exemplo, o sufixo *-isme*, indicativo de doutrina ou sistema, adicionado a *plagiat*, cria o neologismo *plagiarisme*.

Na função de destermnologização, ao contrário da anterior, há intenção de eliminar um dos traços do item lexical, justamente aquele que o enquadraria na categoria de termo. Essa função pode ser ilustrada pelo adjetivo *masochien*, formado pela mesma base de *masochiste*, termo psicanalítico, e que se diferencia deste por um sufixo não marcado, *-ien*, que indica origem.

4. Princípios de neologia tradutória lacaniana

Para estabelecer os princípios da neologia tradutória lacaniana, retomamos, primeiramente, a concepção lacaniana da linguagem, a qual dá autonomia ao significante, como têm explicitado e reafirmado todos aqueles que se debruçam sobre a obra lacaniana. Sobre esta questão, diz Teixeira (1986, p. 25):

o significante é autônomo em relação ao significado e é por esse motivo que a língua tem a possibilidade de significar outra coisa além do que diz; é na cadeia significante, que se exprime por presenças e por ausências, que o sentido insiste; o que aparece na fala são os termos que vêm substituir os significantes enigmáticos que nos escondem de nós mesmos e dos outros, se bem que, em nos escondendo, nos revelam.

Assim, quando formula o célebre aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Lacan indica que não devemos nos deter no significado, enviado sob a barra, mas no significante, que faz cadeia e remete sempre a um outro significante. É esta concepção da linguagem que fará com que ele procure fazer de sua elocução, em seus Seminários, artigos, conferências, entrevistas à rádio e à televisão, um equivalente mimético da linguagem do inconsciente.

O tradutor que quiser levar a sério essa concepção psicanalítica da fala deverá

no mínimo, além do significado (para o qual é treinado a responder com um outro significante), do valor (para o qual deve ler várias vezes os textos antes de traduzi-los) e da

conotação (para a qual deve restabelecer os parâmetros situacionais da mensagem), [colocar-se] igualmente à escuta do significante e, de uma maneira ou outra, [conseguir] fazê-lo efetuar esta travessia que se chama tradução. (Peraldi, 1982, p. 22).

O próprio Lacan julgava que as questões de tradução deviam ser compartilhadas com o público-leitor e apontava para a necessidade de os analistas se familiarizarem com essas questões, mostrando como decisões terminológicas podem alterar a concepção teórica e clínica de um texto psicanalítico.

Inspirando-nos nos princípios da neologia tradutória, propostos por Hermans; Vansteelandt (1999), e nas análises empreendidas dos neologismos lacanianos, estabelecemos quatro princípios da neologia tradutória lacanianiana, explicitados a seguir.

4.1 Primeiro princípio

Ao significante deve ser atribuída importância equivalente à do significado. Por conseguinte, o tradutor deverá não apenas restituir o significado – se a tradução incidir apenas sobre a cadeia significante, “perderá sua substância e se transformará numa transmutação surrealista”, lembra-nos Muni Toke (2004) –, mas também produzir um significante que considere a forma e a função do neologismo original. Para atingir tal objetivo, deverá recorrer às modalidades tradutórias (AUBERT, 1998; BASTIANETTO, 2002), dando preferência àquelas que possam responder melhor a essa exigência, tais como a tradução literal e a explicitação.

4.2 Segundo princípio

Complementa o primeiro e estabelece que a busca dessa equivalência que considera também o significante não pode ignorar o significado. Em outras palavras, sem nunca perder de vista o primeiro princípio, o tradutor deverá buscar um equivalente que conserve o(s) significado(s) do original. Por exemplo, em se tratando de um neologismo em que co-ocorrem dois ou mais significados e no qual se percebem relações semânticas divergentes – como o substantivo *hainamoration* –, tais significados deverão emergir através do recurso às modalidades tradutórias, como a explicitação. Importa dizer, porém, que não se pode determinar, de antemão, a que modalidades recorrer, pois somente a análise detalhada de cada criação lexical poderá indicar o melhor caminho.

4.3 Terceiro princípio

Recupera um dos princípios da neologia tradutória de Hermans e Vansteelandt (1999), e prega o respeito às matrizes terminogênicas da psicanálise lacanianiana. Por exemplo, quando Lacan busca terminologizar uma palavra da língua geral, como *chose*, recorre ao sufixo *-ique*, empregado sobretudo em termos técnico-científicos. O tradutor deverá, então, atentar para as escolhas feitas pelo autor, que o orientarão na busca de matrizes equivalentes em sua língua.

4.4 Quarto princípio

Refere-se à sintaxe do texto lacaniano. Um estudo aprofundado do tecido textual lacaniano seria suscetível de recuperar as regularidades dessa construção de modo a orientar seus leitores e tradutores³.

5. Aplicação dos princípios na busca de equivalentes

Exemplifiquemos a aplicação dos três primeiros princípios, aliados às modalidades tradutórias, em neologismos formados por derivação⁴, extraídos de nosso *corpus*.

Nos casos de derivação sufixal, sabemos que a escolha de determinado sufixo em detrimento de outro não é aleatória e pode cumprir, além da função denominativa, outras funções.

Tomemos os substantivos *psychiatrie*, *savantement* e *savanterie* e o verbo *savanter*, que conjugam a função denominativa e de adequação e a função estilística, em filigrana. *Savanterie* e *psychiatrie* são criados a partir de palavras da língua geral, *savant* e *psychiatrie*; a escolha do sufixo *-erie* parece indicar que o autor da criação neológica busca produzir um efeito no seu ouvinte, marcando uma outra faceta do conhecimento – mais acientífica, menos rigorosa e até um tanto jocosa. Para dar conta dessa nova forma e dessa função, o tradutor deverá produzir um neologismo que faça uso dos equivalentes mais próximos daqueles da língua de partida, sábio/sapiente e psiquiatria, acrescentando-lhes o sufixo que permitir mesma leitura e efeito semelhante.

A língua portuguesa conta com os sufixos concorrentes *-aria* e *-eria* e o sufixo *-ice*. A partir de uma análise das palavras terminadas por cada um desses sufixos em língua portuguesa – análise necessária, já que os dicionários e as gramáticas apenas indicam os sentidos principais de cada sufixo –, acreditamos que os sufixos *-ice* e *-aria*, por conterem também um traço depreciativo, dão melhor conta dessa feição jocosa do neologismo criado por Lacan do que o sufixo *-eria*. Portanto, podemos ter:

psychiatrie + *-erie* = *psychiatrierie*

→ psiquiatria + *-aria* = *psiquiatriaria*

→ psiquiatria + *-ice* = *psiquiatrice*

savant + *-erie* = *savanterie*

→ sábio + *-aria* = *sabiaria*

→ sábio + *-ice* = *sabice*

ou

→ sapiente + *-aria* = *sapientaria*

→ sapiente + *-ice* = *sapientice*

³ Esse aspecto, que escapa ao estudo que fizemos, centrado no léxico, poderá engendrar uma nova pesquisa.

⁴ Neste momento da pesquisa, a aplicação dos princípios de neologia tradutória lacaniana e a conseqüente busca de equivalentes dedica-se aos neologismos formados por derivação.

No substantivo *savantement*, Lacan recorre ao sufixo *-ement*, variante de *-ment*, para ressaltar o processo e não a ação ou o resultado final desse processo, o que pode nos levar ao emprego do sufixo *-mento*:

savant + *-ement* = *savantement*

→ sábio + *-mento* = *sabiamento*

→ sapiente + *-mento* = *sapientemento*

*Chacun à sa place: le savant **savante** dans des endroits désignés et on ne va pas regarder de si près si son **savantement**, à partir d'un certain moment, se répète, se rouille ou même devient pur semblant de **savanterie**. (Seminário *Le Savoir du Psychanalyste*, Lição 11/05/1966) (grifo nosso).*

Veamos os neologismos *femellité* e *mâlité*, que recorrem ao sufixo *-ité/-éité*, indicativo de qualidade. Ambos têm os concorrentes *féminité/féminilité* e *masculinité* em língua francesa, mas Lacan parece querer buscar, na origem latina das duas criações – *masculus* e *femella* – termos não marcados e com valor semântico positivo. Se levarmos em conta a trajetória dessas criações, evitaremos igualmente machismo e feminidade/feminilidade. Poderíamos partir então de *masculus* para criar *masculidade* e de *femina* para criar *feminalidade*, seu *pendant*:

femelle + *-ité* = *femellité*

→ *femina* + (l)-idade = *feminalidade*

mâle + *-ité* = *mâlité*

→ *masculus* + *-idade* = *masculidade*

*Ce serait intéressant de poser la question de savoir si l'un quelconque des deux termes masculinité, "**mâlité**" ou "**femellité**", féminité, est une qualification recevable en tant que prédicat. (Seminário *D'un Autre à l'autre*, Lição 12/03/1969) (grifo nosso).*

Observemos agora a função analógica na criação de um verbo e de dois substantivos. O verbo *plaisirer* tem o antecedente do verbo *plaire*, derivado de *plaisir*, e significa segundo o dicionário Petit Robert (2002) “ser uma fonte de prazer para alguém”, “proporcionar uma satisfação psicológica”. Levantamos a hipótese de que essa retomada do francês antigo se deve a uma busca de aproximação formal com o verbo *désirer*, pertencente ao mesmo campo semântico. Nesse caso, poderíamos propor como

ponto de partida do verbo em português o substantivo prazer, seguido do sufixo verbal -ar:

plaisir + -er = plaisirer

→ prazer + -ar = prazera

[...] *il s'agit alors de plaisirer, si je puis dire, le plaisir lui-même, de trouver le module du juste ton au cœur de ce qu'il en est du plaisir.* (Seminário *D'un Autre à l'autre*, Lição 15/01/1969) (grifo nosso).

Essa função também está presente na criação das palavras *pathème* e *mathème*. Esta última, já consagrada na psicanálise de orientação lacaniana e que se refere à “escritura de aspecto algébrico que contribui para formalizar a teoria psicanalítica” (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 1998, p. 241), forma-se a partir do termo *mythème* [mitema] de Lévi-Strauss e da palavra grega *mathéma*⁵, em analogia com *phonème*, a exemplo de *semantème* e *semème*, que recorrem ao sufixo -ème, indicador de uma unidade mínima distintiva.

[...] *l'introduction d'un nombre de plus en plus élevé, de plus en plus élaboré de ce qu'il nous faut bien à ce niveau appeler mathème et pour savoir qu'assurément les dits mathèmes ne comportent nullement une généalogie rétrograde, ne comportent aucun exposé possible pour lequel il faudrait employer le terme d'historique.* (Seminário *Le Savoir du Psychanalyste*, Lição 02/12/1971) (grifo nosso).

Assim, por analogia a *matema*, podemos criar *patema*, fazendo uso do mesmo recurso:

pater + -ème = pathème

→ *pater + -ema = patema*

Ce qui n'empêche pas que si dans l'inconscient il n'y avait pas une foule de signifiants à copuler entre eux, à s'indexer de foisonner deux par deux, il n'y aurait aucune chance que l'idée d'un sujet, d'un pathème du phallus dont le signifiant c'est l'Un qui le divise essentiellement, vienne au jour. (Seminário *RSI*, Lição 11/03/1975) (grifo nosso).

⁵ Ver Elisabeth Roudinesco, 1994, p.361.

A função de terminologização pode ser ilustrada pelo adjetivo *orificiel*, formado a partir da palavra *orifice*. Lacan recorre ao sufixo *-el*, bastante produtivo em medicina para criar adjetivos a partir de uma base designando um órgão, uma parte ou uma substância do corpo humano, como em *artériel* e *lésionnel* e, em psicanálise, para adjetivos a partir de uma base indicando uma característica, tais como *caractériel* e *obsessionnel*. Ao criá-lo, ele “obedece” à matriz terminogênica dessa área e, simultaneamente, opera uma ruptura com a expressão ‘objeto anal’, formulada por Freud. Além disso, esse novo adjetivo possibilita a criação por analogia da palavra-valise *anificiel*. Aplicando os mesmos princípios de formação, podemos propor o adjetivo *orifical* em português, a partir do substantivo orifício e do sufixo *-al*, que encerra a idéia de ‘relativo ou pertencente a um órgão’. Temos então:

orifice + -el = orificiel

→ orifício + *-al* = *orifical*

Ce n'est rien d'autre que j'ai visé tout à l'heure en vous faisant ce bref parcours de l'objet (depuis ses formes archaïques jusqu'à son horizon de destruction), de l'objet orifical, de l'objet anificiel, si j'ose m'exprimer ainsi. (Seminário *Le Transfert*, Lição 28/06/1961) (grifo nosso).

O adjetivo *masochien* preenche, ao contrário, uma função de destermnologização. Observe-se que o adjetivo usual referente a Masoch – *masochiste* – é um termo da psicanálise relativo a um comportamento sexual desviante. Ao optar pelo sufixo *-ien*, indicativo de origem, Lacan suprime o traço técnico-científico, estabelecido por *-ique*. Em português, temos masoquista como termo. Para criar um neologismo não marcado terminologicamente, podemos fazer uso do sufixo *-ano/-iano*, empregado para derivados de antropônimos.

Masoch + -ien = masochien

→ Masoch/masoqu + *-iano* = *masoquiano*

Il part d'abord de Sacher Masoch... qui a tout de même son petit mot à dire quand il s'agit du masochisme. Je sais bien qu'on a un petit peu tranché sur son nom, que maintenant on dit "maso", (rires). Mais qu'enfin, il dépend de nous de marquer la différence qu'il y a entre "maso" et "masochiste", même "masochien" ou "masoch" tout court. (Seminário *La Logique du Fantasma*, Lição 19/04/1967) (grifo nosso).

Tomemos, agora, alguns exemplos de palavras-valise. Em *dieu-lire*, embora o primeiro elemento permaneça intacto, acentuando a palavra *dieu*, a homofonia quase perfeita nos leva à leitura da palavra *délire* sem maiores dificuldades (auxiliados que somos, evidentemente, também pelo contexto). Ao tradutor caberá unir duas bases em sua língua pelo mesmo processo, buscando o mesmo efeito de sentido:

Dieu + délire = Dieu-lire

→ Deus + delírio = *Deuslório*

Pode-se levantar a pergunta: por que a ausência do hífen no neologismo criado em língua portuguesa? A isso responderíamos que o corte provocado por um hífen levaria o leitor também à palavra ‘lório’, não prevista no original. De resto, esta é uma crítica que se faz com frequência às traduções de textos lacanianos: seus discípulos e tradutores recheiam os textos de novos sentidos.

Já a palavra-valise *hainamoration* apresenta uma complexidade bem maior, requerendo do tradutor uma atenção redobrada para poder atender aos princípios da neologia tradutória. Composto pelos substantivos *haine* e *amour*, este neologismo coloca em jogo tanto uma relação semântica de oposição quanto uma relação de analogia com *énamoration/énamourment*. Em outras palavras, a criação precisa preservar os sentidos opostos de ódio e amor, mas também o sentido de ato ou resultado de se enamorar. A solução já consagrada em língua portuguesa dá conta da união desses dois sentidos opostos: *amódio*. Contudo, a analogia não é contemplada e um dos significados do original se perde nesta travessia. Como transpor, então, esse significante e esses significados simultaneamente? Na impossibilidade de fazê-lo por meio de um único significante, o tradutor deve recorrer, em nossa opinião, a uma combinação de modalidades. A informação ausente poderá ser transmitida através da modalidade de explicitação, tal como uma inclusão no texto ou uma nota de rodapé.

6. Considerações finais

A análise das criações lexicais de Jacques Lacan mostrou que, para além do preenchimento de lacunas denominativas, o que subjaz a toda essa produtividade neológica é a intenção de provocar um forte efeito no ouvinte/leitor. Ou seja, o que Lacan busca é demonstrar e provar, através dessas inovações, que o significante, ao qual ele atribui um papel primordial, representa a irrupção do inconsciente na linguagem. Este significante neológico que brota muitas vezes inesperadamente vem materializar a teoria lacaniana.

Ao pesquisador que se debruça sobre esta obra, assim como ao tradutor que se empenha em traduzi-la, incumbe a tarefa de ouvir esse significante que irrompe no discurso do mestre e fazer com que esse par significante/significado encontre, na língua de chegada, um equivalente que corresponda a suas facetas.

A intenção deste trabalho foi mostrar que é possível chegar a bom termo nesta empreitada, recorrendo aos princípios de neologia tradutória aqui preconizados e a modalidades de tradução que auxiliem a transpor as dificuldades inerentes a essa tarefa.

7. Bibliografia citada

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Aspectos criativos da linguagem: a neologia lexical. In: VALENTE, André (Org.) *Aulas de Português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 159-167.

_____. Terminologia e Neologia. *TradTerm*, n. 7, p. 53-70, 2001.

_____. A Observação Sistemática da Neologia Lexical: Subsídios para o Estudo do Léxico. *Revista Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 131-144, 2006. nota de rodapé.

AUBERT, Francis H.. Modalidades de Tradução. *Tradterm* 5.1, 1998. São Paulo: Humanitas, FLCH/USP.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2004.

BASTIANETTO, Patrizia C. *A tradução dos neologismos rosianos na versão italiana de "Grande Sertão: veredas", de João Guimarães Rosa*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.

_____. Reflexões Acerca de uma Composição de Modalidades Tradutórias para Verter Neologismos: Literalidade com Criação Lexical. *TradTerm*, 8, p. 99-120, 2002.

BOULANGER, J.-C. Néologie et terminologie. *Néologie em Marche*, v. 4, 1979.

CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Larousse-Bordas, 1998.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HERMANS, Adrien; VANSTEELANDT, Andrée. Néologie traductive, *Nouveaux outils pour la néologie: Terminologies Nouvelles*, Bruxelles, n. 20, p. 37-43, déc. 1999.

LACAN, Jacques. *D'un Autre à L'autre* 1968-1969. Publication hors commerce. Document interne à l'Association Freudienne et destiné à ses membres.

_____. *La Logique Du Fantasma*: 1966-1967. Polycopié, version d'origine non identifiée.

_____. *R S I*: Séminaire 1974-1975. Version AFI.

_____. *Le Savoir du Psychanalyste*: Entretiens de Sainte Anne. 1971-1972. Version polycopiée, identique à la version AFI.

_____. *Le Transfert*: 1960-1961. Stécriture Version "Stécriture" Ecole Lacanienne de psychanalyse.

LE PETIT ROBERT. dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française, 2002.

MUNI TOKE, Valelia. Traduire l'inconscient dans la langue: signifiant et intentionnalité. L'exemple de l'*umheimlich* freudien. *Marges linguistiques*. n. 8, nov. 2004.

PERALDI, François. Psychanalyse et traduction. *META*, Montréal, v. 27, n. 1, mars. 1982.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. *A lei do homem é a lei da linguagem*. Porto Alegre, 1986 (trabalho monográfico).